

O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA SURDOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ALGUNS DESAFIOS

Profa. Ms. Eliana de Freitas Soares;
Profa. da Unimontes;
edfsoares@hotmail.com

Jozielia Santana da Silva;
Graduanda em Pedagogia - Unimontes;
josinhalin2010@hotmail.com

Suzana Oliveira Santana Teodoro;
Graduanda em Pedagogia - Unimontes;
snzsantana@hotmail.com

Este estudo aborda o ensino de matemática para alunos surdos em escolas públicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tem como objetivos verificar como ocorre a educação matemática dos surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental; conhecer as dificuldades enfrentadas pelo professor e intérprete de Libras na educação matemática dos surdos. Pautou-se como problema: Quais os desafios do ensino da Matemática para alunos surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os procedimentos metodológicos constaram de estudos bibliográficos em Quadros (1997; 2006; 2007), Nogueira (2013), Perlin (2008), Silva(2006), entre outros e pesquisa de campo. A opção por esse tema originou-se das vivências enquanto estudantes de Libras e contato com surdos no espaço educacional. O eixo temático é Saberes e Práticas Educativas. Através da Lei 10.436/2002, que oficializou a Língua Brasileira de Sinais no Brasil,houve a valorização da cultura e educação da comunidade surda. Regida pelo Decreto 5.626/2005, se fortaleceu o uso e difusão da Libras, bem como a formação de professores. O intérprete de Libras nas escolas regulares de ensino foi uma das medidas tomadas para elevar o nível de educação e ampliar a comunicação. Mas a comunidade surda ainda sofre com a desvalorização da sua identidade e cultura. Percebe-se ainda, nos dias atuais, a ideia de transformar o surdo em ouvinte. Muitas pessoas, inclusive educadores, ainda desconhecem a real condição do surdo. Ante essas presunções, faz-se necessário compreender e valorizar a Libras, a forma do professor conduzir a aula; formação do intérprete; planejamento adequado; trabalho em equipe entre professor de apoio, intérprete e professor regente. São requisitos essenciais para o sucesso do desenvolvimento do surdo na sociedade ouvinte. Segundo Kelman (2005), o intérprete é um profissional mediador da comunicação entre professor e aluno surdo, viabilizando sua aprendizagem e desempenho nos estudos. Sua profissão é regulamentada pela Lei 12.319/2010. Mas, nem todas as escolas possuem esse profissional. Apesar dos avanços da educação especial, como as leis que impõem a inserção da Libras nas escolas, muitas não têm o devido conhecimento e/ou material humano para atender as turmas com aluno surdo. Lembrando ainda que o intérprete nem sempre assume apenas sua função definida, isso acontece principalmente nos anos iniciais. Lacerda e Góes (2000) afirmam que em alguns casos o intérprete acaba atuando além da sua função, mediando também os conteúdos, buscando atrair a atenção da criança surda à aula. Porém, essa atuação múltipla do intérprete é questionada por Rosa (2006), a qual faz refletir que é do professor a função de intermediação, deixando claro que a atuação do intérprete é diferente do que vem acontecendo. Além disso, a matemática exige aplicação de métodos práticos para o entendimento pleno de seus conteúdos tanto para ouvintes quanto para surdos. Para estes últimos exige uma abordagem mais prática e visual. A partir de métodos bem aplicados, propiciará a todos uma aprendizagem significativa. Um exemplo é o uso de materiais concretos, que estimulem o visual e é absorvido pelo surdo com maior eficácia, pois sua língua e formas de expressão são visuo-espaciais. Nesse sentido, vê-se necessário o esforço

contínuo para melhorias no ensino-aprendizagem da matemática. A presente pesquisa foi realizada nas Escolas Bias Fortes, em Januária-MG, com um aluno surdo e Escola Estadual Santa Luzia, em São Pedro das Tabocas, município de Pedras de Maria da Cruz, com uma aluna surda, no final do segundo semestre de 2015. Ambos estão com 7 anos e matriculados no segundo ano do Ensino Fundamental. Foram entrevistados: professores regentes, de intervenção pedagógica e da sala de recursos, intérprete de Libras e finalizando com professores especialistas em educação matemática para surdos. Os professores relataram que nunca tiveram experiência com alunos surdos em suas turmas antes. Apontaram que a presença do intérprete é fundamental para melhor atender os alunos surdos, pois há dificuldades em transmitir o conteúdo sem o apoio do mesmo. Os desafios citados pelos profissionais giram em torno da interação entre professor e intérprete, materiais pedagógicos adequados e dificuldade de comunicar com os alunos surdos. Um deles chegou a dizer que até tem interação com o aluno surdo, mas é de amizade. No sentido educacional, a resposta foi: *“Porém, essa interação didática é complicada”*, dizendo não ter formação em Libras. Abordando a professora da sala de recursos, esta respondeu que a função da referida sala é de complementação do ensino na sala de aula. Ali são realizadas atividades lúdicas e jogos pedagógicos. Ela relatou que trabalha dessa forma com a aluna surda, citando o quebra-cabeça, jogo da memória, jogos com as quatro operações matemáticas, explicando que são importantes para que ela desenvolva o raciocínio lógico e esteja preparada para resolver as atividades propostas em sala de aula com maior empenho. A intérprete de Libras ponderou que se deve trabalhar sempre com material concreto nos anos iniciais, além disso, o professor deve dar mais atenção ao aluno surdo, mesmo que não tenha conhecimento da Libras. Ela esclareceu que sua função enquanto intérprete não é de elaborar material didático e/ou pedagógico, mas fazer a mediação entre professor e aluno surdo. Ela explicou que seu trabalho é diferenciado para cada um dos alunos sujeitos dessa pesquisa: um tem surdez moderada e a fala desenvolvida. Com este aluno ela utiliza a fala articulada, gestos caseiros e alguns sinais próprios da Libras. Com a outra aluna é utilizado todo o aparato da Libras na mediação das aulas pois sua surdez é profunda. Assim, conclui-se que há grande desconhecimento do professor sobre sua prática docente com o aluno surdo. Ele acredita que, tendo o intérprete, este será o educador e transmissor do conhecimento. Isso causa prejuízo na aquisição do conhecimento pelo aluno surdo, pois o intérprete não tem essa função e dificilmente conseguirá cumpri-la dessa forma.

Palavras-chave: Educação. Matemática. Surdos. Anos iniciais.

Referências

KELMAN, Celeste Azulay. Os diferentes papéis do professor intérprete. Informativo técnico-Científico. **Espaço INES**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 25-30, jul-dez/2005.

LACERDA, Cristina Broglia de Feitosa; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000. v.1. 122 p.

ROSA, Andréa da Silva. Tradutor ou professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. **Ponto de vista**, Florianópolis, n. 8, p. 75-95, 2006.